

Prefácio

Depois da ilha do Fogo e da Brava existe Tamarindo.

Segredo bem guardado pelo português que a achou. Muitas vezes ignorada pelos crioulos que preferem não falar dela, embora habite um local bem próprio dos seus corações.

Ilha imaginária? Ó meu amigo, faça favor de olhar bem o mapa. Não vê ali uma ilha quase chegada a *Djabraba*? Vê como eu tinha razão?... Bem sei que alguns cartógrafos se esquecem de a assinalar no mapa, conferindo-lhe a importância de ilhéu.

Mas não é bem assim. Nessa ilha cujos habitantes têm um falar mais parecido com o *Kriolu Kuradu*, também existe o *tripitxi* e as crianças comem *sukrinha* nas sombras que sobram do sol ao meio dia. Flora, fauna e modo de viver, em tudo Tamarindo é parecida com as outras ilhas cabo-verdianas.

Se falo disto, é porque preciso explicar a origem desta história que *Djon* nos conta. Não vão os jovens portugueses fazer uma grande confusão geográfica.

Importava publicar a narrativa deste menino crioulo que conheci em 1979, para que a rapaziada daqui fique com uma pequena ideia do ambiente das ilhas.

É que os portugueses andam muito esquecidos dos locais por onde passaram...

Se tiverem alguma dificuldade em entender as palavras estranhas que vão surgindo, deixei, no final da história, um pequeno dicionário com curiosidades, que pode ser consultado.

Bem, se gostarem desta história, sou capaz de me entusiasmar e contar outras que por lá escutei.

Vamos então começar...

*Kusa ke kusa
ki fika kusa
nes mundu*

O meu nome é João, ou melhor *Djon, Djon di Tareza e Matias*, como me conhecem aqui na Calheta. Mas o meu *nominhu*, mesmo, é *Pinok*, pois vem de Pinóquio, herói de uma história que as *irmãs* contam lá na escolinha da missão. É que por aqui tenho fama de grande mentiroso.

Mas, afinal, sou só um menino que gosta de imaginar coisas como se fossem verdade.

Algumas das minhas mentiras ficaram famosas nas redondezas. Como aquela da *televisão de Dona Xêpa*.

Eu explico...

Todas as quintas-feiras chega o avião da cidade da Praia com cassetes de vídeo, contendo os últimos episódios de uma telenovela brasileira. Então, junta-se o povo todo em casa de *nhu Fininho*, antigo emigrante



na América, e ele coloca no único vídeo da ilha a história de *Dona Xêpa*, contada aos pedacinhos. Nós ficamos sempre à frente. Sentados no chão, ocupamos pouco espaço. Os crescidos sentam-se nas cadeiras, ficando as mulheres mais velhas à frente. A cassete repete vezes sem conta. Acabo por adormecer no chão de terra batida até minha mãe me chamar para casa.

Numa quarta-feira de manhãzinha, partia meu pai para o mar, deu-me uma grande vontade de ver mais um pedacinho da história da velhinha *Xêpa*. Mas ainda faltava um dia todo. Era tal a vontade que comecei a contar a todos que encontrava, que afinal, o avião da Praia chegara mais cedo e que, em breve, teríamos novela.

O boato alastrou rapidamente.

Maria conta a Manel, Manel a António...

Quando acabou a faina do mar, vestiam já os homens uma camisa melhor e abalavam ladeira acima, nas suas bicicletas, rumo à casa de *nhu Fininho* para a costumeira sessão televisiva. Entretido com a pesca não entendi todo aquele rebuliço...

— *Djon, não vai ver Dona Xêpa?* — perguntou Sandrinha, minha irmã, à hora do jantar.

— *Mas hoje tem?*

— *Tem sim, contou-me Papai.*

Afinal sempre havia... E lá fui correndo ladeira acima, tropeçando nas sandálias, tal a pressa que levava.

Tinha caído na minha própria mentira!

Calculem com que cara ficou *nhu Fininho* ao ver toda aquela gente à sua porta para assistir à telenovela.

Agora, o que vos vou contar não é mentira, não.

Gosto muito de pescar e tenho um cantinho secreto, um pouco afastado do ancoradouro da Calheta, onde passo todas as tardes depois de sair da escola.

A praia estende-se, com a sua areia negra, até um ponto onde parece não dar mais passagem. Quando lá chegamos, a falésia faz uma curva e a maré vazia deixa-nos alcançar uma pequenina enseada, ladeada por rochas novas do vulcão. Fica então à vista uma enorme piscina, de fundo escuro e águas transparentes, onde não tenho pé.

A maré vazia, de vez em quando, deixa ficar encurralados pequenos carapaus, que apanho com o meu camaroeiro, colocando-os em seguida, com muito cuidado, no meu balde. É que a *brankera* gosta muito de peixinhos vivinhos.

Espero pela maré cheia. Então, escondido atrás de uma rocha, lanço a minha linha de mão, com um carapauzinho agarrado ao anzol, para o meio do fundão. Do fundo escuro da lagoa surgem velozes vultos pra-